

CORA CORALINA: UMA POÉTICA SOBRE LUGARES E SABORES¹

CORA CORALINA: A POETIC ABOUT PLACES AND FLAVORS

CORA CORALINA: UNA POÉTICA SOBRE LUGARES Y SABORES

Marina Rossi Ferreira²

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil

Marcos Alberto Torres³

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil

Resumo: Cora Coralina (1889-1985), poeta e contista, possui uma obra rica em representações sobre o cotidiano do interior brasileiro. Ao escrever sobre os becos e ruas da Cidade de Goiás (GO), a autora foi construindo uma narrativa sobre a própria vida, com versos carregados de um sentimento topofílico. Tendo também trabalhado como doceira por muitos anos, a autora retrata em alguns dos seus textos a questão alimentar com a mesma afetividade. A partir desse contexto, o presente trabalho apoia-se em nove poemas da escritora, com o objetivo de abordar a geopoética dos versos de Cora Coralina, percorrendo por lugares da/na poesia da autora, assim como a descrição dos sabores presentes em sua escrita.

Palavras-chave: Sabor; Lugar; Poesia.

Abstract: Cora Coralina (1889-1985), poet and short story writer, has a body of work that has a substantial representation of the everyday life of Brazilian interior. When writing about the alleys and streets of the City of Goiás (GO), the author constructs a narrative about her own life, with verses filled with a topofilic feeling. Having also worked as a confectioner for many years, she portrays the food subject in some of her texts with the same affectivity. From this context, the present work is based on nine of the author's poems, aiming to address the geopoetics of Cora Coralina's verses, covering places in/of her poetry, as well as the description of the flavors present in her writing.

Keywords: Flavor; Place; Poetry.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Trabalho originalmente apresentado no SIGEOLITERART 2019.

² Universidade Federal do Paraná – UFPR. Doutora em Geografia, Bacharela e Mestra em Turismo pela UFPR. Integrante do Laboratório Território, Cultura e Representação (LATECRE-UFPR). E-mail: lizmarina.ferreira@gmail.com.

³ Universidade Federal do Paraná – UFPR. Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR. Coordenador do Laboratório Território, Cultura e Representação (LATECRE-UFPR) e integrante do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER). E-mail: marcostorres.geo@gmail.com.

Resumen: Cora Coralina (1889-1985), poeta y narradora de cuentos, tiene un trabajo con abundantes representaciones sobre la vida cotidiana del interior brasileño. Al escribir sobre los callejones y las calles de la Ciudad de Goiás (GO), la poetisa construyó una narrativa sobre su propia vida, con versos cargados de un sentimiento topofílico. Habiendo trabajado como confitera por muchos años, en algunos de sus textos la poetisa retrato el tema de la alimentación con la misma afectividad. Desde este contexto, el presente trabajo se basa en nueve poemas del autor, con el objetivo de abordar la geopoética de los versos de Cora Coralina, recorriendo los lugares de la/en la poesía de la autora y también describir los sabores presentes en su escritura.

Palabras Claves: Sabor; Lugar; Poesía.

1. INTRODUÇÃO: CORA CORALINA - POETA E DOCEIRA

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (1889-1985), mais conhecida sob seu pseudônimo Cora Coralina (que nas palavras da mesma significa ‘Coração Vermelho’), foi uma importante poeta e contista brasileira. Nascida na Cidade de Goiás - GO, produziu uma obra rica em motivos do cotidiano do interior brasileiro, em particular as paisagens de Goiás, com seus becos e ruas de pedra (MUSEU CASA DE CORA CORALINA, 2020).

Mesmo tendo iniciado sua carreira literária ainda jovem e permanecido contribuindo periodicamente com artigos para jornais, a publicação de seu primeiro livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* ocorreu apenas quando tinha 76 anos (1965). Até seu falecimento em abril de 1985, manteve-se produzindo ativamente.

O fato de sua produção poética se concentrar principalmente na fase da velhice, consiste inclusive um fator que se vê refletido em sua escrita, pois de acordo com Delgado (2002, p. 63), “Cora viveu a velhice como o tempo de reinventar a própria vida, movida pelo desejo de esmiuçar a si mesma em discursos autobiográficos.”. A dimensão temática da velhice em sua obra transparece, por exemplo, em *Ressalva*, poema com que inicia seu primeiro livro: “Este livro foi escrito / por uma mulher / que no tarde da Vida / recria e poetiza sua própria / Vida.” (CORALINA, 2001, p. 27).

Em verso, a escritora fez de sua obra uma narrativa sobre sua vida e das pessoas simples e muitas vezes marginalizadas – como a lavadeira no Rio Vermelho, a mulher roceira, a mulher do povo, entre outras. Comprometida em sua escrita em descrever o mundo ao seu redor e refletir sobre sua própria trajetória, a obra de Cora Coralina evoca seu cotidiano e suas memórias. E ao refletir sobre sua vida e as boas e não tão boas

recordações, a autora também vai tecendo e fortalecendo relações afetivas com sua cidade e os outros lugares por onde percorreu.

Em seu poema *Das pedras*, Cora Coralina, anuncia: "Entre pedras / cresceu a minha poesia. / Minha vida... / Quebrando pedras / e plantando flores. / Entre pedras que me esmagavam / Levantei a pedra rude / dos meus versos." (CORALINA, 2001, p. 13). Aqui, a menção das 'pedras', um termo recorrente em sua obra, pode representar tanto uma referência às características ruas de pedra de sua cidade, quanto à um sentido de dureza, de enfrentamento da vida, das limitações vividas em diferentes períodos, em contraponto com a compreensão da velhice como um tempo biográfico de 'libertação', assim como indicado por Delgado (2002). Além disso, a 'pedra rude' de seus versos, de certo modo, caracteriza também sua escrita, de linguagem direta e simples.

Esse poema nos ajuda a ilustrar essa característica que é tão marcante de sua obra: ao descrever e contar sobre seu lugar, a poeta descreve e conta sobre si mesmo (e vice-versa). Conhecer a Cidade de Goiás por meio de seus versos, é conhecer a própria Cora Coralina. A poeta recria e poetiza a própria vida, fazendo de seus versos "[...] um modo diferente de contar velhas histórias" (CORALINA, 2001, p. 27). E ao contá-las, nos convida a conhecê-la e vivenciar, por meio do seu olhar, o lugar onde vive. Sua escrita nos conduz com maestria pelas paisagens de sua terra. Os 'versos coralinos' carregam em si uma geograficidade pulsante.

Além desse importante aspecto, o ofício de doceira, ao qual se dedicou a partir de seu retorno à Cidade de Goiás, também é traçado em seus poemas como um dos pontos constituintes de sua identidade. Em *Cora Coralina, quem é você?*, a escritora responde ser "mais doceira e cozinheira / do que escritora", compreendendo a culinária como "[...] a mais nobre de todas as Artes: / objetiva, concreta, jamais abstrata / a que está ligada à vida e à saúde humana" (CORALINA, 1994, p. 73).

Doceira e escritora, os poemas de Cora Coralina nos permitem acompanhar o modo como articula suas memórias. Através de seus versos, a acompanhamos pelas ruas, atravessamos a ponte, entramos em sua casa e somos apresentados também aos sabores que formaram suas lembranças e fizeram deste 'o seu lugar'.

Com base nesse contexto, apoiando-se nas diferentes formas de se ver e pensar geograficamente e visando proporcionar novas nuances para a questão alimentar que também está impressa na relação espacial, o presente trabalho almeja corroborar para a

percepção do “[...] sabor como fenômeno, constituindo a essência da experiência geográfica (sabor para a geografia)” (GRATÃO; MARANDOLA JR., 2011, p. 59). Ilustrando através dos versos aqui apresentados, outros modos de apresentar e refletir sobre os diversos laços afetivos que nos unem cotidianamente com os lugares e os sabores.

Considerando que é possível vislumbrar a geografia em toda parte (COSGROVE, 1998), o objetivo é discorrer sobre os sabores e lugares através da geopoética, utilizando-se para tal dos versos de Cora Coralina. Ao todo foram selecionados nove poemas: seis do livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (2001 [1965]) e três do livro *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha* (1997 [1983]). Estes foram selecionados por apresentarem uma referência direta à questão alimentar e/ou conter uma relação toponímica mais evidente.

Visto sua prolífica obra, outros poemas estariam aptos a também compor o presente corpus de análise, porém para este trabalho optamos por nos limitar a esse recorte como um primeiro exercício geopoético sobre a geografia e o sabor da obra de Cora Coralina.

É importante ter-se presente que neste trabalho, a geopoética está sendo compreendida tanto como o estudo literário para designar autores e obras cujos temas se aproximem de questões da disciplina geográfica, quanto da compreensão da geopoética que tem como cerne os ‘acontecimentos geopoéticos’ (PAULA, 2015), sendo esses uma das dimensões de nossa relação com a Terra, refletidos em nossa geograficidade e que, portanto, também podem consistir um ponto de partida para a construção do conhecimento geográfico.

Ou seja, busca-se aqui delinear uma geopoética sobre sabores e lugares por meio dos versos de Cora Coralina, ao mesmo tempo que tentamos desvendar a própria geopoética da escritora.

2. ENTRE BECOS, PEDRAS E O RIO VERMELHO: A GEOGRAFIA PULSANTE NOS VERSOS DE CORA CORALINA

Ao descrever os becos e ruas históricas de Goiás, Cora Coralina evoca uma geografia pessoal, que mesmo sendo um retrato da cidade de tantos outros, é,

principalmente, um olhar particular, um registro dos lugares que lhe marcaram e foram palco de seus 96 anos de vida. Seus poemas biografam a si mesma e as pessoas de sua terra, assumindo a missão de rever o passado ao mesmo tempo que o perpetua em uma “escritura poética” (CAMARGO, 2002, p. 78).

Os lugares indicados em sua obra expressam claramente a percepção de um espaço vivido, construído e reconstruído de modo particular por meio de suas vivências, estando assim dotado de significado e afetividade. Enquanto leitores podemos vislumbrar (n)os versos de Cora Coralina conformando um mapa da geografia de suas emoções, entendendo aqui as emoções também como fenômenos espaciais (SILVA, 2016).

A partir dessa compreensão é possível estabelecer uma correlação com a noção da poética artística de sua obra, ou seja, o desenvolvimento do seu estilo próprio. O modo como Coralina se expressa, os temas escolhidos e como estes são tecidos e apresentados na pedra rude de seus versos, fundamentados em sua própria vivência. É possível visualizar diversos ‘acontecimentos geopoéticos’ (PAULA, 2015) de sua vida nas entrelinhas do que a poeta escreve.

Os lugares indicados em seus poemas não são descritos apenas como palco de suas memórias, mas como um reflexo de sua própria identidade. Destacados como uma peça central sobre quem ela é, assim como afirma no poema *Rio Vermelho*, onde atesta sua existência no estar em sua cidade, seu lugar, já que considera não ser nada ao estar distante dali, demarcando a centralidade do vínculo com o lugar como pilar de sua existência: “Longe do Rio Vermelho. / Fora da Serra Dourada. / Distante desta cidade, / não sou nada, minha gente.” (CORALINA, 2001, p. 79).

Além das ruas de pedras características de Goiás, outro elemento presente na paisagem delineada em verso por Cora Coralina é o Rio Vermelho, que passa sob a ponte em frente a sua residência, a Velha Casa da Ponte (Figura 1) e é descrito sob um tom de algo que (lhe) é sagrado, da natureza que lhe guia e protege: “Rio Vermelho – meu rio. / Rio que atravessei um dia (Altas horas. Mortas horas) / há cem anos... / Em busca do meu destino. / Da janela da casa velha todo dia, / de manhã, tomo a benção do rio: / - “Rio Vermelho, meu avozinho, dá sua bença para mim...” (CORALINA, 2001, p. 83).

Figura 1 – A “Casa velha da ponte” às margens do Rio Vermelho na cidade de Goiás (GO)



Fonte: Museu Casa de Cora Coralina. Disponível em: www.museucoracoralina.com.br/site/institucional-galeria>. Acesso em 09 abr.2019.

Como é possível observar, há um claro sentimento topofílico (TUAN, 2012) emergindo de seus versos, dando corpo e evocando as paisagens de Goiás, sua geografia particular, conformando como caracteriza Gratão (2010, s.p.), uma “escrita poetizada e poetizante! Leitura poetizada e geografizada! Poetizante e geografizante!”.

Quando a autora se descreve a partir dos contornos de sua cidade, está justamente registrando o vínculo afetivo com o lugar, as subjetividades que os atravessam e os unem, como um só. Como sintetiza Britto (2007, p. 118), sua poesia é a poesia de Goiás:

É relevante identificarmos o lugar onde ocorrem as relações descritas pelo imaginário da poeta: a poesia de Cora Coralina é a poesia da cidade de Goiás. [...] A cidade de Goiás transformou-se em palco para o estabelecimento dessa memória repleta de significados, captados e reconstruídos por Cora entre um exercício de afetividade e percepção crítica. (BRITTO, 2007, p. 118)

Em perspectiva semelhante ao poema anterior, em *Minha cidade* Coralina ao descrever a cidade de Goiás, descreve a si mesma em seus contornos, vendo-se refletida nos detalhes daquele lugar: “[...] Eu sou aquele teu velho muro / verde de avencas”, “[...] Eu sou estas casas / encostadas / cochichando umas com as outras.”, “[...] Eu sou a dureza desses morros.” (CORALINA, 2001, p. 34-36).

O modo como caracteriza essa paisagem faz referência direta a como enxerga a si mesma. Ela não apenas *está*, ela *é* aquele lugar. Quando diz ser a “dureza desses morros”, podemos fazer um paralelo com o poema *Das pedras* (CORALINA, 2001), citado anteriormente, onde pondera que tanto sua poesia, quanto sua vida se construiu a partir do movimento de quebrar pedras e plantar flores. O rio que a abençoa, as pedras da onde brotam seus versos... a natureza que caracteriza simultaneamente poeta e lugar.

E escreve comunicando *sobre* e também *com* esses lugares, reforçando os laços afetivos que os conectam entre si: “Goiás, minha cidade... / Eu sou aquela amorosa / de tuas ruas estreitas, / curtas, / indecisas, / entrando, / saindo / umas das outras / Eu sou aquela menina feia / da ponte da Lapa. / Eu sou Aninha.” (CORALINA, 2001, p. 34). Mais do que a mera menção à suas experiências, são as experiências nesse determinado recorte espacial, como um atestado da escritora de ‘sou quem sou pelos lugares nos quais vivi’. Enxergando(-se) (n)este lugar e sua paisagem como algo carregado de vida... que a compreende, a acolhe, a protege, a abençoa e com quem dialoga diretamente.

De acordo com Camargo (2002), no poema *Minha cidade* a autora apropria-se de sua terra e “refunda poeticamente” sua cidade, a delineando a partir “[...] do eu lírico em casarios, igrejas, natureza, mulher e na figura de Aninha, a força criadora que sustenta verdadeiramente um povo” (CAMARGO, 2002, p. 81). É um delinear que busca desdobrar-se no inverso dos registros históricos sobre o desbravar da cidade, se sustentando a partir do que é contado pelo povo e recriado na sensibilidade de seus artistas.

E esse sentimento e afeição por seu lugar permanecem mesmo diante de aspectos negativos da realidade de sua terra, vistos ainda com beleza poética: “Beco da minha terra... Amo tua paisagem triste, ausente e suja. / [...] Amo e canto com ternura / todo o errado da minha terra” (CORALINA, 2001, p. 92). Seus versos não escondem ou mascaram a realidade. Partindo de sua poética autobiográfica, enxerga e descreve o lugar com honestidade. Os profundos laços que a unem ao lugar, a permitem contar mesmo “todo o errado” com afetividade. Como sintetiza Gratão (2010):

Cora Coralina soube captar o espírito do lugar onde habitou, transformou o espírito das pedras, das águas e do vale do rio Vermelho em poesia (à) luz da sua imaginação poética. Transfigurou e transcreveu todo esse espírito em versos, revelando a cidade; revelando o espírito da cidade de vales e becos transpostos/transcritos em versos. (GRATÃO, 2010, p. 318).

Além de um sentimento topofílico, a geografia presente nos versos de Cora Coralina também evoca uma experiência telúrica, enxergando a relação que liga o ser humano à Terra/terra como raiz de nossa própria existência, a partir principalmente do ofício no campo. Esse aspecto pode ser observado, por exemplo, no poema *O cântico da Terra*, onde em um trecho declara: “Eu sou a terra, eu sou a vida. / Do meu barro primeiro veio o homem. / De mim veio a mulher e veio o amor. / Veio a árvore, veio a fonte. / Vem o fruto e vem a flor.” (CORALINA, 2001, p. 210). Também está presente em *A gleba me transfigura*:

Sinto que sou a abelha no seu artesanato. / Meus versos têm cheiro dos matos, dos bois e dos currais. / Eu vivo no terreiro dos sítios e das fazendas primitivas. / Amo a terra de um místico amor consagrado, / num / esponsal sublimado. / procriador e fecundo. / [...] *Minha identificação com a gleba e com a sua gente.* / *Mulher da roça eu o sou. Mulher operária, doceira, / abelha no seu artesanato, boa cozinheira, boa lavadeira.* / *A gleba me transfigura, sou semente, sou pedra.* / Pela minha voz cantam todos os pássaros do mundo. / Sou a cigarra cantadeira de um longo estilo que se chama Vida. / Sou a formiga incansável, diligente, compondo seus abastos. / Em mim a planta renasce e floresce, sementeia e sobrevive. / Sou a espiga e o grão fecundo que retornam à terra. / Minha pena é a enxada do plantador, é o arado que vai sulcando / para a colheita das gerações. / Eu sou o velho paiol e a velha roceira. / Eu sou a terra milenária, eu venho de milênios. / *Eu sou a mulher mais antiga do mundo, / plantada e / fecundada / no ventre escuro da terra.* (CORALINA, 1997, p. 108-110 – grifo nosso).

Aqui, essa “mulher mais antiga do mundo” (CORALINA, 1997, p. 110) que é terra e é vida, se coloca como representante desse lugar que se faz no plantar e colher. Tanto em *O cântico da Terra* quanto em *A gleba me transfigura* há uma sobreposição entre a representação da mulher e a terra fértil, que igualmente geram a vida: “Em mim a planta renasce e floresce, sementeia e sobrevive / Sou a espiga e o grão fecundo que retornam à terra” (CORALINA, 1997, p. 110). Tais versos evocam esse vínculo estreito entre o ser humano e a terra, da compreensão de nossa existência humana a partir da inerência de tais laços, como delineado por Dardel (2015). É, como destaca Coralina, um caso de amor quase que místico, sagrado.

A geograficidade em sua poesia se escancara nessa relação concreta que nos liga à Terra (DARDEL, 2015), com a poeta colocando seus versos e a si mesma como elementos da natureza – a abelha, o cheiro do mato, o canto dos pássaros. Descrevendo também essa ligação com a terra por meio do cotidiano rural e do trabalho na roça.

Assim como as ruas de pedra, os becos e o Rio Vermelho, o espaço rural também está no cerne da identidade coralina. Em diversos momentos de sua obra, há uma evocação do rural em suas características mais significativas, como o trabalho, o cotidiano, as dinâmicas sociais e a “indissociação entre a natureza e a (re)produção da vida” (BRITTO; SANTOS, 2009, p. 1). Um cenário também presente na descrição dos sabores que marcaram suas memórias.

3. OS VERSOS POR MÃOS DOCEIRAS: A QUESTÃO ALIMENTAR NA POESIA DE CORA CORALINA

Após 45 anos morando em outros locais, Cora Coralina retornou à sua cidade, passando a viver na Casa Velha da Ponte. Por 14 anos, dedicou-se à produção doméstica de doces, o que faz com que o ofício de cozinheira também esteja presente como um elemento importante de sua identidade, se considerando inclusive mais “cozinheira / do que escritora” (CORALINA, 1994, p. 73).

Na análise de Delgado (2002), no retorno à Cidade de Goiás, a escritora ainda carregava um sentimento de exclusão, de sentir-se “uma estrangeira na sua própria terra” por conta dos preconceitos e constrangimentos sofridos com vista as circunstâncias de sua saída da cidade e que, de certo modo, ainda persistiam mesmo tendo ficado quatro décadas ausente. O ofício de doceira surge, então, como importante aliado nesse processo de reconciliação com o passado, ao que “[...] A Cora-doceira e a Cora-poeta trabalham a lembrança e o esquecimento para desconstruir e reconstruir sentidos para o passado, compondo uma história para a sua vida.” (DELGADO, 2002, p. 66).

O papel de doceira também configura o lugar social de onde parte a voz de Cora Coralina, conformado pelos sistemas de valores e representações historicamente atribuídos ao gênero feminino. O cotidiano e o trabalho doméstico, como função atribuída às mulheres, permaneceram por muito tempo silenciados, sem registros, esquecidos. E nas mãos da poeta tornam-se matéria poética, assim como as mulheres, que segundo Delgado (2002), são o centro de suas produções literárias.

Assim como é possível observar uma representação sobre o feminino, por exemplo, nos poemas *Minha cidade* (2001) e *A gleba me transfigura* (1997), Coralina

evoca em *Todas as vidas* mulheres como a caboca velha, a lavadeira do Rio Vermelho, a mulher do povo, a roceira e também a cozinheira, como parte de si mesma:

[...] Vive dentro de mim / a mulher cozinheira. / Pimenta e cebola. / Quitute bem feito. / Panela de barro. / Taipa de lenha. / Cozinha antiga / toda pretinha. / Bem cacheada de / picumã. / Pedra pontuda. / Cumbuco de coco. / Pisando alho-sal (CORALINA, 2001, p. 32).

Além de uma evidente questão de gênero, a alimentação enquanto tema de seus versos traz outros aspectos que podem ser pensados por um olhar geográfico. A menção de certas iguarias em alguns poemas registra um saber-fazer culinário local, já que nossos hábitos alimentares se formam a partir do contexto sociocultural na qual estamos inseridos e é, portanto, demarcado espaço e temporalmente.

O gosto alimentar distingue a preferência por determinadas iguarias como sendo, mais do que um exercício do paladar individual, uma expressão de um contexto sociocultural que orienta as escolhas individuais (MONTANARI, 2008). Ou seja, entre a gama de itens aptas ao consumo alimentar humano, há um processo de seleção do que de fato será considerado ‘comida’.

A cultura irá indicar também o que, como e em que ocasião se come, além da técnica utilizada no preparo e na preservação do alimento. E mais do que se alimentar de acordo com o meio no qual se encontra inserido, alimenta-se também de acordo com a sociedade e mais precisamente, o grupo a que se pertence, em um processo que acaba por tecer distinções e estabelecer fronteiras (MACIEL, 2001).

Além desses, outro aspecto fundamental está relacionado à ‘com quem’ se come, que implica muitas vezes uma divisão por família, sexo, idade, *status*, entre outros. O ‘com quem’ envolve o ato de partilhar, expresso no termo comensalidade, em síntese, ‘comer juntos’. É a compreensão do ato alimentar enquanto um acontecimento social, um momento de reforço da coesão de um grupo, pois ao partilhar a comida, compartilha-se também sensações, tornando assim uma experiência sensorial compartilhada (MACIEL, 2001).

Os poemas da escritora também trazem referências à utensílios e à descrição do ofício (e arte) de cozinhar, indicando os diferentes elementos que ‘temperam’ esses momentos. Suas memórias gustativas nos permitem acompanhar o modo como “a poeta trabalha a memória a partir dos inventários do conjunto de valores, sentidos,

sociabilidades e sensibilidades, articulado à temática da alimentação” (DELGADO, 2002, p. 73).

Deste modo, quando a escritora cita, por exemplo, a panela de barro e a taipa de linha, está delineando um retrato de um saber-fazer característico daquele lugar e período. O versar sobre o que se come (além de como, com quem e em qual momento) fazem com que o poema de Cora consista em um retrato sensível dos hábitos alimentares do local retratado, no caso, a cidade de Goiás e também a fazenda de seu avô, localizada no município de Mossâmedes (GO), conforme nos conta no poema *A Fazenda Paraíso*:

De noite, (...) Contavam-se os casos. Conversas infundáveis de outros tempos e pessoas mortas. (...) Às tantas, vinha da cozinha o pote de canjica, bem cozida, caldo grosso, / colher de pau revolvendo aquele conteúdo amarelado ou todo branco. / Tia Nhá-Bá trazia da copa um bote bojudo, panela funda de barro, / cheia de leite com uma nata amarelada e grossa, a concha de tirar, / duas rapaduras cheirosas para serem raspadas. / Cada qual pegava seu prato fundo, tigela e colher. / Tia Nhá-Bá servia com abundância, canjica e leite, rapadura à vontade. / Comia-se ruidosamente. Repetia-se e ainda sobrava a canjica fria e grossa, / gelatinosa, para o de manhã seguinte. (CORALINA, 1997, p. 65-70).

No relato dessa memória gustativa, a autora nos convida junto à mesa, descrevendo as características do prato e todo o ritual de seu consumo. Não é apenas a lembrança do sabor da canjica, é o sabor mnemônico que a canjica adquire ao ser consumida ali naquele contexto, envolta de pessoas amadas, como acompanhamento das histórias que estavam sendo contadas.

Assim, mesmo em curtos relatos, os versos de Cora Coralina também são capazes de nos informar sobre várias etapas do ato alimentar, do preparo à comensalidade envolta no momento das refeições. Tais indicações, por sua vez, traduzem um modo de servir, apresentar, oferecer e partilhar o alimento entre os comensais presentes à mesa, como pode ser observado em seu poema *Antiguidades*:

Quando eu era menina / bem pequena, / em nossa casa, / certos dias da semana / se fazia um bolo, / assado na panela / com um texto de borralho em cima. / Era um bolo econômico, / como tudo, antigamente. / Pesado, grosso, pastoso / (por sinal que muito ruim) / Eu era menina em crescimento / gulosa, / abria os olhos para aquele bolo / que me parecia tão bom / e tão gostoso. / A gente mandona lá de casa / cortava aquele bolo / com importância / Com atenção / seriamente. / Eu presente. / Com vontade de comer o bolo todo. / [...] / Era aquilo uma coisa de respeito. / Não pra ser comido / assim, sem mais nem menos. / Destinava-se às visitas da noite, / certas ou imprevistas. / Detestadas da meninada. (CORALINA, 2001, p. 38 – 43)

Tuan (2012) considera que através de suas experiências no espaço, o sujeito confere significados, que com o passar do tempo permitem criar laços afetivos, permeados de subjetividade. Assim o espaço (antes abstrato), se transforma em lugar, compondo o mundo vivido do sujeito. Para o autor (2012), a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência, constituída tanto de sentimento quanto pensamento, e as diferentes maneiras com que conhecemos e construímos a realidade podem englobar desde os sentidos mais diretos e passivos como o paladar e o olfato até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização.

Nesta abordagem, o lugar é um centro de significado construído por meio da experiência. É conhecido não apenas através da visão e do pensamento, mas também através de modos mais passivos e diretos da experiência, que resiste a uma objetificação. Conhecer um lugar plenamente significa simultaneamente entendê-lo de um modo abstrato e conhecê-lo da mesma forma como uma pessoa conhece outra. Em suma, os lugares pelos quais possuímos afeição, sentimentos, não precisam necessariamente estar visíveis, tanto para nós quanto para outros, podem inclusive estar apenas na memória e nas lembranças individuais ou coletivas (TUAN, 2012; 2013).

Assim, apoiados na perspectiva de Tuan (2013), Gratão e Marandola Jr. (2011) afirmam que o sabor é experiencial e os sabores também são espaciais, pois constituem e descrevem lugares e paisagens. Diante disso, “todo lugar tem um significado, e alguns lugares vêm a nós pelo sabor” (GRATÃO; MARANDOLA JR., 2011, p. 63). Nos poemas anteriormente citados, a fazenda de seu avô e a casa de Cora Coralina surgem através do contar sobre pratos específicos, no caso a canjica e o bolo.

A Fazenda Paraíso configura-se em um lugar importante para Cora, em especial relacionado às memórias do período de infância. Nos poemas que versam sobre o local vemos detalhes sobre a rotina, os sabores experimentados na fazenda, os costumes alimentares e o ofício do meio rural. Outra questão interessante é observar que “as refeições que estruturavam o ritmo temporal” (DELGADO, 2002, p. 74). Em outro trecho de *Na Fazenda Paraíso*, descreve a rotina demarcada pelo ato alimentar:

Acordávamos cedo e corríamos para o curral. / Copos e canecas na mão e o primeiro apoio espumado e morno / tinha um gosto renovado e puro. / Depois, o mundo do engenho. A garapa da cana serenada, / “forrando o estômago” para o almoço às nove horas, invariavelmente.
[...] Às sete horas, vinha para cima da grande mesa familiar, / rodeadas de bancos pesados e rudes / a grande panela de mucilagem, / mingau de fubá

canjica, fino e adocicado, / cozido no leite ainda morno do curral. / Era o primeiro repasto do dia, que meu avô presidia / como um velho chefe patriarcal na cabeceira da mesa, / sorvendo de permeio, goles de café amargo. / Às nove horas, vinha o almoço. Uma toalha grossa de tear / recobria o taboado escuro. / Meu avô dizia curta oração. Nós o acompanhávamos / com o prato e acolher na mão. / Ele era servido, depois os pratos iam sendo deslocados / um a um, primeiro os mais velhos. (CORALINA, 1997, p. 65).

Britto e Santos (2009) explicam que Cora Coralina olha com saudosismo a vida rural, como uma integração profunda com a natureza. Assim, a experiência do rural através de poemas que retratam a Fazenda Paraíso se conformam em um exercício de recordação de sua infância, delineados pela escritora sob a ótica da alegria e do saudosismo. Ao lembrar sobre os momentos vividos nesses lugares, de certo modo os evocam e ao ler sobre tais lembranças somos também transportados.

Visto os poemas que trazem como tema as memórias de seu período de infância, é inevitável que haja menção a hábitos, utensílios e equipamentos que nem sempre permanecem em uso no cotidiano atual. São registros de uma lembrança afetiva de uma vivência particular, que também reflete um contexto social. Como o caso descrito no poema *O prato azul-pombinho*, no qual Cora Coralina relata a história de um prato, o último item de uma coleção de um aparelho de 92 peças, e descrito como “de antigas mesas senhorias / de família numerosa/ de festas de casamento e dias de batizado.” (CORALINA, 2001, p. 67).

O prato azul-pombinho curiosamente traz em si duas geografias: a representação do lugar onde se desdobram os acontecimentos desta lembrança do prato estimado pela bisavó de Cora, reservado para ocasiões especiais “que, em raros delas de cerimônia / ou festas do Divino, / figuravam na mesa de grande pompa” (CORALINA, 2001, p. 70). E também uma indicação geográfica ilustrada em sua estampa, que continha “aquela estória da Princesinha Lui, / lá da China – muito longe de Goiás - / que tinha fugido do palácio, um dia, com um plebeu do seu agrado / e se refugiado num quiosque muito lindo/ com aquele a quem queria” (CORALINA, 2001, p. 68). Duas geografias que se encontram na descrição poética dessa lembrança.

Como nos demonstram os versos de Cora Coralina, as memórias gustativas se formam a partir de elementos distintos que o sabor, enquanto uma experiência emocional e geográfica, é capaz de nos despertar. Da caneca com o leite fresco tomado no curral ao prato azul-pombinho que decora a mesa na festa de família. Do bolo econômico reservado

para as visitas ao grão que fecunda a terra e é posteriormente colhido como espiga. O sabor, assim como a poesia, nos atravessa e marca nossas vivências. E essas vivências ‘alimentam’ nossas lembranças.

Do mesmo modo que o ato alimentar encontra-se intimamente relacionado a um contexto sociocultural e espacial, também está relacionado às vivências, às memórias, ao emocional e à afetividade que perpassa a relação entre as pessoas e os lugares, o que faz com que o sabor também esteja “[...] “enraizado” na geograficidade, ligação essencial, telúrica, homem-Terra. [...] Uma relação que se estabelece no modo de ver o mundo, aos seus padrões objetivos, mas também às crenças das pessoas, aos significados subjetivos dos lugares” (GRATÃO; MARANDOLA JR., 2011, p. 62).

Através de um olhar mais atento aos versos de uma poesia é possível vislumbrar a comida como prática cultural e contextualizá-la em um recorte de espaço-tempo. Sendo sua escrita o retrato de sua vivência, a leitura dos poemas de Cora Coralina torna-se um convite para sentar-se à mesa da memória da poeta, ao mesmo tempo que possivelmente desperta nossas próprias lembranças afetivas de lugares envoltos de sabores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM ÚLTIMO CAFÉ COM PROSA

No presente trabalho, procurou-se realizar uma leitura geográfica da poesia ou uma leitura poética da geografia presente nos versos de Cora Coralina, assim como debruçar-se sobre a questão alimentar, que ao mesmo tempo que deriva de uma relação espacial também age em sua conformação. O objetivo foi delinear novas possibilidades de se pensar e compreender tanto a questão espacial quanto a alimentar, que como visto também podem se apresentar em verso e prosa.

Consistiu um primeiro exercício geopoético, da qual a partir da reflexão iniciada desdobram-se possibilidades a serem exploradas em trabalhos posteriores como, por exemplo, os sabores e sua relação com a agricultura, modo de preparo, os ingredientes e as relações com o lugar. A partir de outros poemas da escritora ou dos versos de outros poetas.

Em seus versos, essa poeta-doceira nos convidada a percorrer as ruas de pedra da Cidade de Goiás, vislumbrar o Rio Vermelho pela janela da Casa Velha da Ponte até chegarmos à mesa na casa da Fazenda Paraíso. Na escrita de Cora Coralina sobre esses

lugares, capta-se nuances de seu cotidiano, de suas memórias, de sua trajetória particular, ao mesmo tempo que conhecemos também sobre os lugares e as trajetórias de outras pessoas, que muitas vezes tem seu retrato e relato silenciado e marginalizado.

Por entre as ‘pedras rudes’ de seus versos, vemos brotar afeto e sabores e esses também descrevem e conformam os lugares de e por Cora Coralina. Sua poesia, de estilo simples, possibilita-nos tanto visualizá-los como, de certo modo, adentrarmos neles, por um caminho particular.

O laço profundo que Coralina possui com sua terra nos escancara o quanto os lugares nos marcam e consistem também uma parte importante de quem somos. Somos também poema, formados pelos versos dos momentos que vivemos e das linhas das paisagens que percorremos. A geografia e o sabor que pulsam em sua poesia nos convidam e nos desafiam a pensar sob outras perspectivas. Uma ‘geografia coralina’ que carrega em si a poesia do cerrado, o sentimento topofílico sobre Goiás e a compreensão da terra como raiz de nossa existência.

Se é possível pensar a geografia como um modo de ver e compreender o mundo, a poesia também consiste em uma maneira particular de visualizá-lo, compreendê-lo e acessá-lo. Ao olhar por essas duas lentes, talvez seja possível não só enxergar uma geografia que também pulsa poeticamente, mas também visualizar a poesia presente na própria geografia.

5. REFERÊNCIAS

BRITTO, Clóvis Carvalho. Das cantigas do beco: cidade e sociedade na poesia de Cora Coralina. *Sociedade e Cultura* – Revista de Ciências Sociais, v. 10, n. 1, pp. 115-129, 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/1724>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

BRITTO, Clóvis Carvalho; SANTOS, Robson dos. Representações sociais do rural na poética de Cora Coralina. *HISPANISTA*, v. X, n. 38, pp. 1-14, 2009. Disponível em: <<http://www.hispanista.com.br/artigos%20autores%20e%20pdfs/286.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

CAMARGO, Goiandira de F. Ortiz de. Poesia e memória em Cora Coralina. *Signótica*, v. 14, n. 1, pp. 75-85, 2002. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/sig/article/view/7306>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

CORALINA, Cora. *Meu livro de cordel*. 8ª ed. - São Paulo: Global Editora, 1994. 112 p.

CORALINA, Cora. *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*. 6ª ed. São Paulo: Global Editora, 1997. 240 p.

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 20ª ed. - São Paulo: Global, 2001. 210 p.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. 123 p.

DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015. 159 p.

DELGADO, Andréa Ferreira. Cora Coralina: a poética do sabor. *Ilha – Revista de Antropologia*, v. 4, n. 1, pp. 59-83, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/15031>>. Acesso em: 3 ago. 2017.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. *Por entre becos & versos – A poética da cidade vi(vi)da de Cora Coralina*. In: MARANDOLA Jr., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (orgs). *Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina: EDUEL, 2010. 354 p.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista; MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. Sabor da, na e para Geografia. *Geosul*, v. 26, n. 51, pp. 59-74, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2011v26n51p59>>. Acesso em: 4 dez. 2017.

MACIEL, Maria Eunice. Cultura e alimentação ou o que têm a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin? *Horizontes Antropológicos*, ano 7, n. 16, p. 145-156, dez. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832001000200008>. Acesso em: 27 ago. 2017.

MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008. 207 p.

MUSEU CASA DE CORA CORALINA. *Cora Coralina – A vida*. Disponível em: <<http://www.museucoracoralina.com.br/site/a-vida/>>. Acesso em 20 out. 2020.

PAULA, Fernanda Cristina de. Sobre geopoéticas e a condição corpo-Terra. *Geograficidade*, v. 5, Número Especial, p. 50-65, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12928/pdf>>. Acesso em 4 dez. 2017.

SILVA, Marcia Alves Soares da. Por uma geografia das emoções. *GEOgraphia*, ano 18, n. 38, p. 99-119, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13775/8975>>. Acesso em: 4 set. 2017.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012. 342 p.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013. 247.

Recebido em 15/04/2020.

Aceito em 19/09/2020.

Publicado em 07/11/2020.